Schmid, Conego

Historia verdadeira do nobre e valoroso cavalheiro

Porto

1885

Reel: 47 Title: 18

BIBLIOGRAPHIC RECORD TARGET
PRESERVATION OFFICE
CLEVELAND PUBLIC LIBRARY

RLG GREAT COLLECTIONS
MICROFILMING PROJECT, PHASE IV
JOHN G. WHITE CHAPBOOK COLLECTION
Master Negative Storage Number: OCI00047.18

Control Number: BGO-3247
OCLC Number : 25162612
Call Number : W 381.5698 P8381 no. 19
Author : Schmid, Conego.
Title : Historia verdadeira do nobre e valoroso cavalheiro Thibaldo e sua familia, esposa e filha Ottilia e Ignez, tomando parte n'esta historia uma innocente rola : conto moral / do Conego Schmid.
Imprint : Porto : Livraria Portugueza, Editora de Joaquim Maria da Costa, 1885.
Format : 16 p. : ill. ; 23 cm.
Note : Cover title.
Note : Title vignette.
Subject : Chapbooks, Portuguese.

MICROFILMED BY
PRESERVATION RESOURCES (BETHLEHEM, PA)
On behalf of the
Preservation Office, Cleveland Public Library
Cleveland, Ohio, USA
Film Size: 35mm microfilm
Image Placement: IIB
Reduction Ratio: 8:1
Date filming began: 9/30/94
Camera Operator: AR

COLLECÇÃO DE HISTORIAS POPULARES

N.º 9

HISTORIA VERDADEIRA

DO

NOBRE E VALOROSO CAVALHEIRO THIBALDO

E SUA FAMILIA, ESPOSA E FILHA

OTTILIA E IGNEZ

TOMANDO PARTE N'ESTA HISTORIA UMA INNOCENTE ROLA

CONTO MORAL DO

CONEGO SCHMID



1885

PORTO — LIVRARIA PORTUGUEZA — EDITORA
DE JOAQUIM MARIA DA COSTA
55—Largo dos Loyos—56

Typ. de Arthur José de Sousa & Irmão, L. de S. Domingo, 56



A ROLA

CONTO MORAL DO CONEGO SCHMID

I

OTTILIA E SUA FILHA IGNEZ

O antigo castello de Falkenburgo (em Allemanha) situado no meio de montanhas, pertenceu n'outro tempo ao valoroso Cavalheiro Thibaldo, que n'elle habitava com sua virtuosa consorte Ottilia. Era elle não menos cavalheiro pelas nobres qualidades de sua alma que pelos illustres feitos de sua espada; se n'aquelles contornos alguem soffria oppressão, não tinha mais que recorrer a elle, e certo estava de achar efficaz protecção, e tão desinteressada que nem mesmo em recompensa exigia o agradecimento. O prazer de fazer felizes os homens era a seus olhos sufficiente premio. Não era menos benefica Ottilia: espalhava ella com mão larga entre os necessitados abundantes dons de sua caridade; visitava os enfermos nas mais humildes choupanas, atravessando os visinhos valles para lhes levar conforto; e seu castello era o mais seguro refugio de todos os pobres, onde achavam soccorro por pouco dignos que d'elle fossem.

Não tinham estes afortunados consortes

senão uma filha chamada Ignez, de edade de oito annos, pouco mais ou menos. Similhante a seus pais, era Ignez a bondade, a generosidade personificada para com os pobres; não tinha ella mais doce prazer que fazer bem a seus similhantes.

Assim que, a filha, a mãe e o pae eram geralmente respeitados e amados; ao ponto que os de longe avistavam a elevada torre do Castello de Falkenburgo bendiziam em seu coração os nobres senhores que o habitavam, e que tanto bem faziam. Dirias que Deus abençoava esta virtuosa familia, pois dando e distribuindo sem cessar o que possuiam, nunca lhes faltou o que haviam mister. Verdade é que era ella uma das mais nobres e das mais abastadas de todos aquelles contornos.

N'um dia de verão, em que o tempo era bello e o ar sereno, saiu depois de jantar D. Ottilia com Ignez para tomar o fresco no jardim, que estava situado no declive da montanha. Entrava-se n'elle por uma portinha que dava no pateo do castello, e por uma escada de pedra de muitos degraus. Era então mui delicioso o aspecto do jardim, e com grande gosto observavam a mae e a filha os abundantes productos da natureza em que o util se achava misturado com o agradavel: couves formidaveis de folha larga d'um verde azulado; roseiras de cujos laços verdes desabrochavam engraçados, mimosos botões; feijoeiros, que trepados em seccas ramas vergavam com o pêso das vagens; rubicundas cerejas que com a verdura da folhagem faziam agradavel contraste; viçosos morangueiros que, esmaltando os alfobres de seu mimoso fructo, aos olhos davam recreio; e para cumulo de delicias rebentava em borbotões no meio do jardim um copioso nascente, cujas limpidas aguas brilhantes como o crystal ferido dos raios do sol, se elevavam em repuxo, e caiam depois em fina chuva, através da qual resplandeciam as engraçadas côres de arco iris. Alli parâram contemplando em silencio este vistoso painel; e porque o sol ainda estava quente, entrâram para debaixo d'um caramanchão enleiado de videiras, a cuja sombra se assentaram; e depondo seus cestos de costura, que no braço levavam, pozeram-se a trabalhar, a quem mais podia. para acabar o fato d'uma orfã desvalida.

Tudo estava em socego e em silencio no jardim; só se ouviam de longe os suaves gorgeios d'uma toutinegra, que numa arvore proxima saltava de ramo em ramo, e o murmurio da fonte visinha que sem interrupção continuava seu doce ruido.

Quando sentiram de repente precipitar-se no jardim uma cousa, sem que soubessem o que era. Olharam assustadas, e viram immediatamente uma grande ave de rapina que baixava tão veloz como o raio, e com as azas estendidas pairava á entrada do caramanchão como se buscasse a ralé que lhe escapara: vendo porém gente, levantou vôo com a mesma ligeireza, e desappareceu.

Ignez estava enfiada e trémula a ponto de se não atrever a levantar os olhos em torno de si, nem a ver o que era que tão subitamente se precipitára dentro do caramanchão; mas sua mãe lhe disse com ar de rizo:

„ Não tenhas medo, minha filha, não póde ser senão algum passarinho, que perseguido pela ave de rapina veiu aqui refugiar-se.„

Tendo depois olhado ajuntou:

„ Olha, vês? é uma rolazinha, branca como a neve, toda estremecida de medo está mirrada no chão mesmo atraz de ti.„

Tomou-a com a mão, e deitando uns olhos penetrantes a Ignez, como para ver o que ella dizia, continuou:

„ Eu t'a darei esta noite bem assadinha para a tua ceia.„

„ Fazêl-a assar! „ exclamou a menina toda estremecida; e suas mãozinhas se estenderam sobre a rola, como para salval-a d'esta ameaça de morte. " Oh! não, não, minha querida mãe, V. M. não diz isso seriamente. Este pobre animal veiu pedir-me um refugio; e terei eu coração de o matar? Oh veja, minha querida mãe, como ella é bonita! E' mais branca que a neve. Olhe os pézinhos como são lindos! São encarnados como o coral. Apalpe aqui, minha mãe não sente bater-lhe o coração? seus lindos olhos annunciam a innocencia; ella os volve para mim, como para implorar soccorro, juraria que ella me está dizendo: não me mates. — Não, minha querida rolinha, não te quero fazer mal. Não será em vão que vieste buscar asilo junto de mim; folgarás d'estar nas minhas mãos.„

„ Muito bem, minha filha, disse a mãe com alegria, advinhaste-me o pensamento; era só para te experimentar que eu o disse; leva-a para o teu quarto e tem cuidado de lhe dar de comer. Quando os infelizes buscam um asilo em nossa casa não devemos repellil-os. Devemos compadecer-nos de toda a sorte de soffrimento; e até para com os animaes devemos ter sensibilidade.„

Mandou a mãe fazer uma gaiola imitando um pombalzinho com telhado encarnado e grades verdes, que Ignez collocou com muito cuidado no canto de seu quarto, e n'esta residencia alojou sua rolinha. Era ella quem tinha cuidado de lhe dar de comer, escolhendo-lhe sempre a melhor comida, e dando-lhe agua fresca todos os dias e pondo-lhe de tempos a tempos saibro miudo e limpo. Acostumou-se bem depressa a rola a ver Ignez, e por fim tornou-se inteiramente mansa e familiar. Apenas a menina lhe abria a porta da gaiola, saia mui contente a rola, vinha pousar-lhe na mão, e depenicava alguns bagos de trigo ou qualquer cousa que ella

lhe trazia; e estava já tão acostumada, que não era necessario fechar-lhe a porta da gaiola, porque n'ella se conservava por si mesma sem que a isso a forçassem.

Logo que amanhecia, e se Ignez ainda dormia, voava a rola da gaiola, ia pôr-se á cabeceira da cama, acordava-a, e não a deixava até que se levantasse e que viesse darlhe de comer. Ignez que não desgostava de dormir a manhã na cama, queixou-se um dia a sua mãe, e accrescentou:

„Ah! bem sei o que hei de fazer para impedir que esta impertinente rola venha perturbar o meu somno da manhã. Hei de correr o ferrolho á porta da gaiola todas as noites antes de me deitar, e ella não sairá mais pela manhã. „

„Nada, nada d'isso, respondeu a mãe, aprende antes na escola da rola, levanta-te cedo como ella faz. Levantar-se cedo é grande cousa para a saude, e conserva o bom humor. Vamos, não terias tu vergonha de ver uma rola mais madrugadora, menos preguiçosa que tu? „

Estava um dia Ignez sentada a coser á janella, e a rola junto d'ella depenicava algumas migalhas de pão que ella lhe deitava, quando de repente põe-se nas azas, e foi-se pousar no espigão do telhado vizinho. Ignez perdeu a côr, e deu um grande grito. Acudiu a mae, e perguntou-lhe o que era aquillo.

„Ah! a minha rola! „ exclamou Ignez debulhada em lagrimas, apontando para o telhado onde se tinha ido pousar a rola para se aquecer ao sol.

„Chama-a com carinho, „ lhe disse a mãe. Obedeceu Ignez, e no mesmo instante desceu a rola do telhado, e veiu pousar-se na mão que sua dona lhe presentava. Ficou a menina encantada vendo tão perfeita docilidade; e sua mãe, aproveitando esta occasião, lhe fez a seguinte reflexão:

„ Ora pois, minha filha, sê tão docil ás ordens de tua mãe como a rola o foi ás tuas. Se assim fizeres, terei eu ainda mais prazer do que o que tu agora sentes. Não é verdade que me darás este gosto? „

Ignez deu a sua palavra, e não faltou a ella; e foi desde então a mais docil filha que jamais se viu.

Um dia Ignez, depois de andar regando as flores, e varias hortaliças, cançada de trabalho veio assentar-se ao pé de sua mãe n'um banco de relva junto da fonte, quando a rola, que por estar inteiramente domesticada andava solta, veiu beber á fonte.

“Olha, disse a mãe, olha como ella se approxima com precaução sobre as pedrinhas cobertas de musgo! Como salta com cautella d'uma a outra, livrando-se da lama que ha entre ellas! Quanto é cuidadosa esta avezinha! Entre as côres é o branco o mais captivo, e com tudo nem uma só mancha, nem a mais leve sombra de nodoa se vê em sua plumagem, cuja brancura deslumbra os olhos; tal é seu cuidado! — E Ignez?» accrescentou logo a mãe, «como Ignez é ás vezes descuidada!»

E dizendo isto apontou-lhe para o vestido branco que estava um pouco enxovalhado por não ter feito bastante attenção quando enchia o regador d'agua para regar as flôres. Subiu-lhe a côr ao rosto, e desde então seus vestidos brancos rivalisavam em aceio com alvura da neve quando acaba de caír.

Um outro dia tinha Ignez feito uma pequena viagem, de que ella muito gostara, e quando voltou á tarde ficou encantada de ver a sua rola, que apenas a avistou veiu esperal-a ao caminho, e com tantos signaes de alegria que só lhe faltava o fallar·

«Todo o dia esteve triste com saudades da menina, disse uma criada, e não fazia senão buscal-a por toda a parte. Não pude deixar de me admirar vendo esta avezinha, que não obstante ser privada de razão, assim conhece sua bemfeitora, e assim lhe testemunha seu affecto.»

«É bem verdade, disse Ignez, por alguns bagos de trigo que lhe deito todos os dias testemunha-me ella o mais vivo reconhecimento que póde experimentar.»

“E tu, disse então a mãe, experimentaste um igual sentimento?» Pensa um pouco n'isso. Que prazeres não tens hoje sentido! Deste por ventura as devidas graças a Deus? — Não consistas que uma tão pequena ave te lance em rosto tua gratidão· „

Na verdade Ignez não tinha ainda n'aquelle dia dado graças a Deus pelos beneficios recebidos, como tinha de costume; mas desde aquelle dia não se levantou nunca mais da cama nem a ella se recolheu sem elevar seu coração a Deus e dar-lhe graças por todos os bens que d'elle recebêra.

“Oh minha querida avezinha, „ dizia um dia Ignez, assentada á sua mesa de costura, e fallando com a rola que pousada na borda da mesa lançava sobre ella seus brilhantes olhos, cheios d'innocencia e d'affeição: “Oh querida avezinha! Que de cousas tu me has ensinado! e quanto te sou eu devedora! Que agradecimentos não devo dar-te! „

Ao que lhe tornou a mãi:

“Oh! ainda te falta o melhor para a prender. Vês a alvura de suas pennas? Pois é a engraçada imagem da innocencia. A innocencia é pura de toda a mentira, de todo o engano, de todo o disfarce, de toda a maldade; não conhece malicia, não conhece artificio, nem affectação de qualquer especie que seja. Nosso Senhor expressou tudo isto n'uma só palavra quando disse: Sede singelos como a pomba.— Oh! permittam os ceus que nunca te desampare esta nobre qualidade! e que o engano e a mentira, e toda acção peccami-

nosa te sejam para todo o sempre desconhecidas? Deus permitta que possam dizer de ti: Ignez é a mesma innocencia! Ignez é sem mancha como uma rola. „

Isto foi o que justamente aconteceu; que foi ella com verdade uma pomba sem fel, e uma rola sem mancha.

II

ROSALINA E SUA FILHA EMMA

Saíra um dia o cavalleiro Thibaldo a uma expedição contra certa quadrilha de ladrões, que n'aquelles contornos espalhava a consternação e o espanto. Satisfeito do bom exito de sua empreza voltou a seu castello, e mui contente sentado ao fresco, com a sua taça de vinho ao lado, poz-se a contar como, dando sobre os ladrões, os tinha prendido quasi todos e entregado aos tribunaes, e como n'outros fizera tal chacina que d'ora em diante podia toda a comarca dormir socegada sem nada ter que receiar.

Era a historia longa, e como Ottilia e Ignez não sabiam estar ociosas, foram buscar suas rocas e pozeram-se a fiar mui cuidadosas, dando grande attenção ao que dizia.

Era já bastante tarde, e já a luz começava a declinar quando entra na sala uma senhora de bella presença e distincta, toda vestida de luto, mui triste e pallida, trasendo pela mão uma menina que como ella vinha tambem de luto. Levantaram-se o cavalheiro, Ottilia e Ignez para saudarem a senhora que não era sua conhecida.

Começou a senhora a fallar, e com muitas lagrimas disse:

“Deus vos guarde, cavalheiro; apezar de que nunca vos fallei de cara a cara, tomei a resolução de soccorrer-me a vós na afflicção em que me acho. Chamo-me Rosalina de Hohenburgo, e esta menina que vedes é minha filha Emma. Já talvez tereis ouvido fallar da desgraça que Deus permittiu caísse em nossa casa. Meu marido já não é d'este mundo. O meu querido Adalrico, Deus tenha sua alma em bom logar! succumbiu ás feridas que recebera na grande batalha do anno passado. Oh! quanto perdi com a sua morte! Era elle d'um coração nobre e generoso, o mais perfeito, o mais carinhoso marido, e o melhor pae! Não preciso dizer mais, que bem o haveis conhecido. Sua beneficencia para com todos que a elle se acolhiam era tal que não nos pôde deixar thesouros em dinheiro: legou-nos, em logar d'isto, um thesouro no ceu. Mas não pára aqui a nossa desventura! Querem-nos tirar agora os bens que são indispensaveis para nossa sustentação. Tenho dous cavalheiros vizinhos, cheios de cobiça, que me tem reduzido ao ultimo apuro. Um pretende, com mil pretextos de toda a sorte, arrancar-me tudo quanto possuo em prados e terras de lavradio até aos muros do castello, e despojar-me de meus ricos e bellos dominios. O outro anda buscando falsos titulos para se apossar das soberbas mattas que estão do outro lado do castello. Ambos elles mudaram de procedimento para commigo. Eram amigos de meu marido, mas a cobiça, que tantos males causa sobre a terra, os converteu em inimigos de sua mulher viuva. Meu querido Adalrico bem previa o que viria a acontecer; mas antes de expirar pronunciou vosso nome, dizendo-me: Confia em Deus, Ottilia, e no cavalheiro Thibaldo; nenhum inimigo se atreverá a tocar n'um só cabello de tua cabeça. Realizai, pois, Senhor, a ultima palavra d'um moribundo. O' ceus! que seria de mim, se eu fosse despojada de todos meus bens, e se me não restassem senão os muros do castello? Não seriam as paredes quem dariam de comer a mim e a Emma! Se acontecesse por desgraça (de que Deus vos livre) que viesseis um dia a experimentar a mesma sorte que meu marido, e que vossa cara esposa e vossa querida filha se achassem na triste situação em que hoje me vejo, então, cavalheiro, achariam ellas ainda um braço para as salvar.»

A menina Emma, que era pouco mais ou menos da idade de Ignez, approximou-se tambem do valente guerreiro, e disse-lhe:

«Nobre cavalheiro! sede meu pae, e não me abandoneis.„

Estava Thibaldo de pé, com a barba apoiada na mão, segundo seu costume, com os olhos fitos no chão, e callado. Ignez desatou a chorar, e disse entre soluços:

“Meu querido pae, tenha compaixão d'esta pobre senhora e de sua filha! — “Não se lembra V. M. quando a minha rola, perseguida por uma ave de rapina, veio buscar asilo junto de mim, que minha mãe me disse, que quando um infeliz nos pede soccorro não devemos n'unca negar-lh'o? E minha mãe, não ficou ella contente de ver que eu me condoía da pobre avezinha? — Ora bem, esta afflicta senhora e sua filha merecem muito mais que a rola nossa compaixão e sympathia. Salve-as, meu pae, das garras d'esses cavalheiros desalmados que se parecem com as aves de rapina.„

Respondeu o cavalheiro com emoção:

“Muito bem dissseste, minha querida Ignez, com a ajuda de Deus protegerei estas senhoras. Se estive por algum tempo calado, não era por insensibilidade de coração, mas porque estava reflectindo como salvaria esta nobre senhora e sua galante menina.„

Foi logo o cavalheiro buscar uma cadeira para a senhora, e Ignez puxou outra para Emma. Assentaram-se todos, á excepção de Ottilia, que foi preparar, em honra dos hos-

pedes inesperados, um prato de mais para a ceia; que era n'aquelle tempo o costume entre as mulheres dos cavalheiros de irem ellas mesmas á cozinha preparar o que era mister.

Começou entre tanto Thibaldo a informar-se das razões que aquelles cavalheiros allegavam para córar suas exigencias tão exorbitantes, e logo que ouviu a exposição da senhora, disse:

"Muito bem! muito bem! Estou convencido que tendes a justiça a vosso favor, vejo que tendes toda a razão. — A'manha, ao romper do dia, irei eu mesmo acompanhado d'alguns homens d'armas a cavallo, e sobre mim tomo o abrir-vos o caminho para entrardes na posse pacifica de vossos bens, Deixai-vos estar aqui com vossa filha até que eu volte. D'este modo podereis saber, logo que eu chegue, e levar para vossa casa as boas novas de que espero ser portador.„

Em quanto assim fallavam, tinha-se posto a ceia na meza; comeram todos com muita satisfação; e no dia seguinte de madrugada, montou Thibaldo a cavallo, e poz-se a caminho com a sua gente armada.

Foi para Ignez um grande gosto o ver ficar no castello Emma por alguns dias. Foi-lhe mostrar o jardim, o seu quarto, os armarios em que tinha seus vestidos, suas flôres, e por fim sua rola, que ella mais que tudo estimava, e desde logo ficaram intimas amigas, porque Emma tinha muito bom genio, e era mui bem criada.

Passados poucos dias chegou Thibaldo de sua jornada.

„Alviçaras! exclamou elle a entrar no quarto, alviçaras! minha senhora, vossos inimigos desistirão de todas as suas exigencias, e todas as desavenças estão concluidas. Verdade é que nenhum d'elles queria fazer caso de minhas razões, por mais claras que ellas fossem, e por mais que lhe mettesse pelos olhos dentro a injustiça de suas pretenções; mas logo que lhes fiz saber que aquelle que se atravesse a tocar em vossos bens commigo se havia de haver, e que eu vinha disposto a abrir a guerra se me resistissem, mudaram logo de linguagem, se tomaram o partido de não bulirem comsigo. Consolai-vos pois, senhora, e tomai alento. Nenhum estranho metterá a fouce em vossas searas, nenhum caçará nem cortará lenha em vossas mattas.„

Causaram estas palavras indizivel alegria á consternada dama; de seus olhos rebentavam lagrimas de gosto.

„Deus vos pague, cavalheiro, disse ella; esse Deus que é o constante protector da viuva e do o phão, que não deixa sem recompensa nenhuma acção boa, elle vos pague o que por mim e por minha filha acabais de fazer! Permitta elle que nenhuma desgraça vos persiga, e que de todos os perigos saias sempre são e salvo.„

Dispoz-se logo a dama a partir para o castello de Hohemburgo; as duas meninas despediram-se uma da outra debulhadas em lagrimas; e Ignez quiz que sua amiga levasse um signal de lembrança de sua mão. Tinha Emma dito algumas vezes:

„Oh! quem me déra ter uma rolinha tão mansinha como esta!„

Ignez foi correndo buscar a sua querida rola, apertou-a carinhosamente contra suas faces molhadas de lagrimas, e apezar do grande amor que lhe tinha, não a queria por modo nenhum acceitar, a ponto de se tratar entre ellas uma lucta de generosidade. Por fim Emma foi obrigada a ceder, e Ignez lhe deu tambem a linda gaiola, recommendando-lhe a rola com tanto cuidado e interesse como uma estremosa mãe recommenda seu filho quando o confia a pessoas estranhas.

Partiu Emma mui contente com o seu thesouro. Emquanto Ignez saudosa quasi que se arrependia de ter feito um tal presente.

„Antes queria, dizia ella a sua mãe, ter dado a Emma os meus brincos d'ouro.

Ao que respondeu Ottilia:

„Podes fazêl-o quando Emma vier outra vez; mas por agora não lhe podias fazer um mimo mais a proposito. Um presente rico não lhe seria tão agradavel, e talvez a vexasse. Dar-lhe a cousa que tu mais estimavas, se bem que de pouca valia, é fazer-lhe honra e dar-lhe a maior prova da tua affeição. Não te arrependas do que fizeste. — Olha teu pae estava disposto a arriscar a vida pasa defender a viuva opprimida; e da tua parte é uma bonita acção o privar-te de uma avezinha com que te divertias para a dares a uma orfã que com ella brincará para distrahir suas magoas. Quem não aprende desde sua mais tenrá infancia a sacrificar a favor de seus similhantes todos os bens d'esta vida, ainda aquelles que lhe são mais caros, não saberá nunca amar realmente seu proximo. São estes os mais bellos sacrificios que o homem póde offerecer a Divindade. Está certa, minha filha, que Deus te dará o pago, um dia ou outro, do sacrificio que fizeste.„

III

OS DOUS ROMEIROS

Começava de novo Rosalina a passar dias socegados com sua filha Emma, contente e satisfeita dentro do seu antigo castello, situado n'uma cova no meio de serras, quando um dia de noite já bastante tarde véem bater á porta dous romeiros que pediam agasalho. Traziam elles todos os trajes e insignias de romeiros: fato cinzento, bordão na mão, con-

tas ao pescoço e conchas no chapéo. Veio o guarda-portão dar parte á Senhora que estavam ali dous romeiros que pediam agasalho, e ella os mandou recolher n'um quarto baixo, mandou-lhes dar de ceiar e uma taça de vinho a cada um, e no fim da ceia foi ella mesma vêl-os com Emma.

Estavam elles contando as suas peregrinações na Terra Santa, e todos que moravam no castello estavam de bocca aberta ouvindo o que diziam. As historias maravilhosas que que contáram fizeram em Emma impressão de alegria extrema. Cahiam-lhe dos olhos as lagrimas, e em seu coração nascia o pio desejo de ir ver a Terra Santa, esses lugares que nosso Salvador pisou com seus pés; só lhe restava o sentimento de que um tal voto não poderia nunca realisar-se.

Minha querida Emma, lhe disse a mãe, podêmos todas as vezes que quizermos fazer a peregrinação da Terra Santa, e visitar o monte Olivete, o Calvario e o Santo-Sepulchro; não temos necessidade de outra cousa mais que ler com attenção a historia da paixão de Nosso Senhor. Acompanhemos nosso Divino Mestre, sigamos passo a passo o caminho da cruz; ouçamos as palavras que saem da sua sacrosanta bocca; e assistamos em espirito aos seus soffrimentos, a sua morte, e a sua ressurreição. Se de sua doutrina, de seu exemplo, de sua paixão, de sua morte, de sua ressurreição soubermos tirar proveito para nós mesmos, podêmos dizer que a Terra Santa está em nosso coração. Sim, minha filha, se todos os homens quizessem penetrar suas almas d'esta sublime historia, e desempenhar fielmente a sua lei, seria o mundo inteiro uma outra Terra Santa! „

Começaram depois os romeiros a tirar inculcas das visinhanças, e nomeadamente do castello de Falkenburgo, e desfaziam-se em elogios logo que se fallou no Cavalheiro Thibaldo.

"Se o seu castello não ficasse longe da estrada, dizia o mais velho dos dous forasteiros, e se eu podesse ter esperança de o achar em casa, daria por bem empregadas as passadas para o ir vêr. „

Assegurou-lhe Rosalina que a estrada não passava muito longe, e Thibaldo tendo recolhido havia poucos dias d'uma viagem era natural que estivesse em seu solar.

"Por vida minha, disse o forasteiro, que não podia ter maior gosto. Muito folgarei de o encontrar, que tenho muitas cousas importantes de que lhe fallar. Assim que, á manhã bem cedo pôr-nos-hemos a caminho para Falkenburgo. „

Tanto a mãi como a filha encarregaram os dous romeiros de mil saudações cordiaes para o cavalheiro Thibaldo, sua senhora e filha. Emma metteu a cada um d'elles na mão uma moeda de prata, que sua mãi tinha tido o cuidado de lhe dar para esse fim, e lhes pediu encarecidamente, e em particular, que dissesem á menina Ignez que a sua rola estava de perfeita saude. E como soubesse a senhora do castello, segundo o que elles tinham dito, que não sabiam o caminho, deu ordem a um rapaz seu criado, que alli estava no quarto, para ir com elles pela manhã para lhes ensinar o caminho: e n'isto se despediu dando-lhes as boas noites.

Levantaram-se pois os romeiros no outro dia muito cedo, poseram-se a caminho, e o rapaz ia servindo-lhes de guia; e porque era bom moço e muito serviçal poz ás costas os alforges d'ambos para não se cançarem com o caminho e com o peso. Nem um nem outro davam muita attenção ao rapaz, e seguiram seu caminho sem dizerem palavra, ora subindo ora descendo segundo o pedia a estrada. Depois de terem subido uma serra mui escarpada entraram n'um caminho mais plano, e pozeram-se a conversar ambos em italiano.

Ora, é de saber que o rapaz que ia com elles era natural d'Italia, e chamava-se Leonardo. Era um orphão desvalido que o cavalheiro Adalrico trouxera comsigo, n'uma de suas jornadas á Italia, por pura compaixão. Apesar de ter aprendido perfeitamente a lingua allemã, não tinha ainda esquecido a materna, e muito bem entendia o que os forasteiros iam dizendo. Applicou o ouvido com toda attenção, e dispunha-se a manifestar-lhes a grande alegria que lhe causava o ouvir a linguagem de sua terra, quando sua conversa o encheu de medo e de consternação.

Veiu a conhecer pelo que elles diziam que não eram taes romeiros, mas que tinham adoptado aquelle traje para melhor se disfarçarem; que conheciam tão bem todos aquelles sitios como affectavam conhecel-os pouco; que tinham pertencido á quadrilha de ladrões que o cavalheiro Thibaldo tinha destroçado que ardiam em desejos de vingar seus camaradas; que tinham formado o plano de se introduzir em sua formidavel fortaleza com a capa de devoção, pedindo-lhe agasalho por uma noite, depois levantarem-se quando todos estivessem a dormir, matál-o a elle, a sua mulher e filha, e toda a familia, roubar o castello, pôr-lhe o fogo e reduzir tudo a cinzas.

Quando avistáram ao longe no horisonte o castello de Falkenburgo entre dous montes coroados d'arvoredos, Lupo, que assim se chamava o mais velho dos dous ladrões, disse a seu camarada, que se chamava Orso:

"Lá está o abominavel ninho do dragão, lá está a morada do terrivel ferrabraz que mandou para o outro mundo tantos camaradas nossos! Chegou-lhe tambem a sua vez; ha de parecer no meio de torturas as mais

horriveis; atado de pés e mãos ha de ser testimunha de nosso triumpho, e depois havemos de queimál-o vivo nas mesmas chammas que reduziram a cinzas sua fortaleza.„

“Mas, disse Orso, parece-me bem ardua a proeza que intentamos. Se ella viesse a falhar, caro nos custaria a festa! Não importa, que os thesouros amontoados pelo cavalheiro fazem pender a balança.„

“Beber-lhe o sangue, tornou Lupo, inflammado em colera, beber-lhe o sangue é para mim maior satisfação do que possuir todas as suas riquezas, posto que eu as não desdenhe. Se sairmos bem da empreza, como espero, seremos assaz ricos. Renunciaremos logo a nosso officio, e tomaremos um modo de vida mais socegado, e... Tate! lembra-me uma cousa, buscaremos no guarda roupa do cavalheiro o que elle tiver de mais magnifico, e nos enfeitaremos como uns fidalgos. A cadeia d'ouro que elle traz ao pescoço será para ti, e a cruz de brilhantes de cavalheiro ha de ficar-me ao pintar, Depois vamos para um paiz estrangeiro onde ninguem nos conheça; todos nos olharão como grandes senhores, e como levamos muito dinheiro passaremos nossa vida em festas e regalos.„

“Na verdade seria bella cousa, disse Orso, mas não sei que me adivinha o coração, tenho medo que o negocio não vá bem.„

“Medo de que? lhe respondeu Lupo. Não temos nós lá mesmo nas visinhanças tudo que havemos mister para nos ajudar? Não sabes o ajuste que fizemos com sete de nossos valentes camaradas que quando vissem á janella do quarto dos romeiros tres luzes viriam em nosso auxilio? Não sabes que ha muitas noites estão álerta esperando o signal, e que não ha cousa mais facil que abrir a portinha do jardim e fazêl-os entrar no pateo do costello? Achas isto difficil? Um dos camaradas foi moço da estrebaria no castello, conhece todas as entradas, sabe todos os escaninhos, conhece tudo como os seus dedos. E como somos nove, e bem determinados, não nos mette medo meia duzia d'homens meios dormidos... Animo! Não esmoreças, tudo sairá bem, é indubitavel.„

Estremecia Leonardo quando ouvia tão nefandos projectos; mas teve muito cuidado de não dar a conhecer aos ladrões que entendia a sua lingua. Ia atraz d'elles mui disfarçado, ora colhia flores e hervas cheirosas, ora applicando aos beiços uma folha verde, assobiava uma toada campestre; mas no fundo de seu coração rogava a Deus, com fervorosas orações, que malograsse a trama d'aquelles malvados, e propunha-se tambem a acompanhal-os até Falkenburgo e declarar tudo ao cavalheiro Thibaldo.

Emquanto os dous ladrões iam assim conversando ácerca do modo de levar á execução seu plano, o mais velho d'elles escorregou n'um mau passo e por pouco que não caiu no despenhadeiro que formavam os rochedos, o que teria acontecido se não se agarrasse muito depressa á rama d'um espinheiro de que ficou pendurado. Como os bicos do espinheiro rasgassem a opa de romeiro que lhe descia até os pés, viu Leonardo que elle trazia por baixo um pelote encarnado e uma couraça de ferro mui luzidio; e tambem lhe viu cair do cinto um punhal bem afiado; mas fez que não via nenhuma d'estas cousas, e foi continuando seu caminho sem se dar por achado. Deu-se pressa o malvado Lupo a esconder no cinto o punhal, e a abotoar a opa, olhando de revés para o rapaz, desconfiado, e com olhos mais penetrantes que os d'uma aguia.

Chegaram assim todos tres á borda d'um medonho despenhadeiro, no fundo do qual bramia uma torrente impetuosa que se precipitava dos empinados rochedos, e que engrossada pelas contínuas chuvas fervia em cachões com horrivel fracasso.

Dous penhascos cobertos de matto estavam como pendurados sobre o precipicio, um de cada parte, e d'um para o outro havia uma ponte de pau, que não era outra cousa mais que um grosso pinheiro falqueado sómente na parte superior, e era por cima d'elle que continuava o caminho. Quando alli foram chegados disse em italiano o mais velho dos ladrões:

“Póde muito bem ser que este velhaquete visse que eu estava armado, e é muito natural que suspeite mal de nós, pelo que quando elle estiver em cima da ponte desando-lhe um bofetão e atiro com elle ao fundo do abysmo, e assim não teremos nenhum motivo de desconfiança.„

Leonardo, que tal ouvia, tremia como varas verdes, e fingindo que era com mêdo de passar por cima do pinheiro, parou a alguns passos de distancia, e disse:

“Ah! ah! tenho medo, não me atrevo a passar, já me anda a cabeça á roda.

“Anda d'ahi, tolo, lhe disse o velho salteador, não tenhas medo. Vem só até aqui, que eu te levarei ao collo até o outro lado.„

E dizendo isto, caminhava para elle com os braços abertos para o agarrar, mas Leonardo ia sempre recuando, dando gritos que faziam dó, e preparando-se para deitar a correr e metter-se no matto, no caso que o malfeitor se chegasse muito para elle.

“Não, não, dizia elle, deixai-me ir embora; poderiamos cair ambos e dous; e quando passassemos a salvo, como poderia eu voltar depois? Deixai-me ir embora para casa. Já não haveis mister ninguem para vos ensinar o caminho; já não é muito longe d'aqui a Falkenburgo, e o caminho não tem que errar.„

O ladrão mais moço não teve a menor duvida em attribuir todo o medo de Leonardo

á ponte de pau, sobre o precipicio que a elle mesmo fazia tremer as carnes, e disse a Lupo em italiano:

"Que me deitem d'esta ponte abaixo se o rapaz deu fé d'alguma çousa; é um simplorio! E mesmo que visse a couraça e o punhal que tinha isso lá? Elle não entende a nossa lingua, por conseguinte não sabe o que temos na mente. Além de que, ninguem faz grande caso do que dizem rapazes, ou pelo menos não poderia d'ahi resultar cousa grande, deixa-o pois ir embora.„

"Deixal-o, que o leve a bréca, disse o mais idoso, mas pelo sim pelo não deitemos sempre a ponte abaixo; não seja o diabo negro que o tratante do rapaz entendesse o que temos fallado, e que nos queira armar alguma; desafio agora que ponha estorvo á nossa empresa. Acolá está Falkenburgo. Não ha outra ponte senão d'aqui muitas leguas a cima ou muitas leguas abaixo; é pois inteiramente impossivel que se possa transmittir a mais leve noticia d'aqui até que tenhamos posto em execução a empresa.„

Pegaram nos alforges, que até alli tinha trazido o rapaz, deixaram-no ir embora, passaram a ponte sem lhe darem o mais pequeno agradecimento, e quando estiveram da outra banda gritou Lupo em allemão:

"Sabes que mais, rapaz, tens razão: esta ponte não presta para nada; está já muito velha, e meia podre. Para que não aconteça alguma desgraça, vamos atirar com ella ao diabo; é o meio de termos outra melhor.„

E dizendo isto, Orso e mais elle arrancam o pinheiro das encarnas onde estava mettido, empurram-no com força, e o madeiro cai com estrondo no fundo do precipicio, e é logo arrebatado com rapidez pela corrente espumante.

Apenas os falsos romeiros desappareceram detraz d'um penedo, junto do qual fazia o caminho um cotovelo, poz-se Leonardo a correr com quantas forças tinha para levar a terrivel nova á sua ama de Hohenburgo; porque em todos aquelles arredores, e ainda bem longe, ninguem havia que podesse salvar Falkenburgo do perigo que o ameaçava e a seus habitantes.

IV

SUSTO E ANCIEDADES — MEDO E ESPERANÇA

Bem longe estava Dona Rosalina, em seu castello de Hohenburgo, de pensar na total ruina que ameaçava seu protector, o cavalheiro Thibaldo. Sua filha Emma não tinha outra cousa na bocca senão o que ouvira aos romeiros, e não deixava sua mãi com perguntas ácerca da Terra Santa. Assim se passou o dia, dando-se cada uma a suas occupações ordinarias. A' tardinha, quando a calma tinha passado, e o ar começava a refrescar com a viração do norte, sairam de casa e desceram ao valle para ver os campos, cujas searas estavam magnificas. Aqui eram talhões de trigo, cujas douradas espigas, resplandecentes aos raios do sol, promettiam abundantes messes; ali vastas sementeiras de linho serodio elevando suas engraçadas flores, que formavam um tapete ondeante de azul celeste. A mãi e a filha, que acabavam de entrar na posse de seus bens de que se temiam despojadas, sentiam em sua alma dobrada alegria, e do fundo de seu coração davam novas graças a Deus pelos beneficios que tão liberalmente lhes havia concedido.

Quando se occupavam n'estes pensamentos chega o pobre Leonardo, que tinha ido acompanhar os romeiros. Corria-lhe o suor em bicas, faltava-lhe a respiração, e como fóra de si precipita-se ao pé de suas amas, e lhes diz, batendo as mãos uma contra a outra.

"Oh minha senhora, que espantosa desgraça! Os dous homens não são romeiros, são ladrões e matadores. A tenção d'elles é matar o cavalheiro Thibaldo e toda a sua gente, roubar o castello, e por-lhe depois o fogo!„

O pobre rapaz estava exhaurido de forças, não pôde dizer mais uma palavra; caiu no chão arquejando debaixo d'uma pereira que estava á borda do caminho, perdeu os sentidos, e esteve muito tempo em espasmo sem poder fallar.

A mãi e a filha ficaram fóra de si quando tal ouviram.

"Deus do ceu, exclamou Dona Rosalina, que nefanda machinação! Como! esse digno cavalheiro e sua excellente familia vão perecer!„

"E a innocente Ignez, exclamou Emma toda tremula e pallida como a morte, ah! se esses malvados a matam e a seus pais, eu morro de paixão.„

"O' Emma, disse a mãi, corre ao castello; eu já te sigo com o pobre rapaz, que já não póde mais, irei o mais depressa que podér; corre a toda a pressa, e chama todos os criados. E' necessario que todos montem a cavallo, e corram a Falkenburgo para dar aviso a nossos honrados bemfeitores; que vão a todo galope, que vão como o vento, ainda que os cavallos arrebentem quando lá chegarem.„

Emma, viva e ligeira como um gamo, deitou a correr pela ladeira acima, e assim que chegou á porta do castello, poz-se a gritar pelos criados; acudiram elles promptamente ao pateo, todos espavoridos, contou-lhes ella em poucas palavras a desgraça de que estava ameaçado o castello de Falkenburgo, e todos responderam por uma exclamação de horror, amaldiçoaram os infames romeiros e deplo-

raram o que ia acontecer como se fosse o seu proprio castello, que devesse ser devorado pelas chammas.

Chegou d'ahi a nada Dona Rosalina, acompanhada de Leonardo, a quem veiu perguntando durante o caminho todas as circumstancias do caso.

"Que fazeis aqui, diz ella, ociosos no pateo e a fazer lamurias! Vamos, a cavallo! já, já sem demora! ide soccorrer o cavalheiro!„

"E' impossivel, senhora, respondeu um velho de cabellos brancos (tinha sido escudeiro do fallecido cavalheiro Adalrico), os dous malvados levam-nos muita dianteira. A esta hora devem ter chegado ao castello de Falkenburgo, ou estarão perto d'elle. Lembre-se a senhora que são quinze leguas, que a noite não está longe, e que os caminhos estão pessimos pelas muitas chuvas que tem caído! Como vencer todos estes estorvos n'uma noite escura? Muito faria eu se, indo só montado no melhor de nossos cavallos, podesse chegar ao romper do dia a Falkenburgo. Os sendeiros que servem na lavoura não podem galopar, e os cavallos de batalha foram todos vendidos depois da morte do nosso amo Adalrico. Nem eu sei mesmo que n'estas cinco leguas ao redor haja uma besta que possa fazer metade da jornada em tão pouco tempo.„

Ficou a afflicta senhora esmorecida quando tal ouviu. Estorcia as mãos, levantava os olhos ao ceu, e d'elles lhe corriam lagrimas a pares.

"Não ha pois outro recurso, exclamou ella estendendo os braços para o ceu, não ha outro recurso senão vós, meu Deus e Senhor! Oh! por quem sois tende misericordia d'aquellas nobres creaturas, que tão generosamente se apiedaram de nós. Emma, vai-te pôr em oração, minha filha, pede a Deus de todo o teu coração que frustre tão nefandos projectos.„

Emma poz-se de joelhos, ergueu as mãos, e com os olhos chorosos, fez esta oração.

"Meu Deus, sêde, Senhor, seu salvador como elles foram o nosso!„

Todos os criados da casa seguiram o exemplo d'Emma, e suas vozes se uniram á d'ella para rezar.

"Meus amigos, disse então Rosalina, apezar de todas as difficuldades, e até da impossibilidade de chegar a Falkenburgo antes da meia noite, fazei sempre a diligencia. Poucas palavras bastariam para salvar a vida áquella familia. Tudo depende d'alguns momentos. Ah! se Leonardo não estivesse tão cançado, e quasi doente de correr tanto! Correria ainda com a mesma ligeireza como se quizesse ganhar o premio no estadio! — Mas tu, Martinho, continuou a senhora endereçando-se a outro rapaz quasi da mesma idade, tu tambem tens o pé leve; põe-te a caminho; quem vai a pé toma por atalhos, e encurta a jornada de mais d'um terço. Anda, dou-te cem escudos d'ouro se chegares a tempo a Falkenburgo, vai.„

"Não é possivel, disse o criado. Quem é que póde achar numa noite escura os atalhos por meio de serras fragosas sem cair a cada passo em barrancos, e ficar lá pelas custas?„

"Além de que, accrescentou Leonardo, a unica ponte de pau que havia sobre a torrente foi deitada a baixo pelos ladrões. Era mister ter azas para passar á outra banda.„

"Azas! disse Emma; e a alegria se lhes pintou nos olhos. Vem-me agora uma ideia para mandar aviso a Falkenburgo. O cavalheiro Thibaldo recommendou-me muito que ao principio tivesse bem fechada a minha rola, porque se alguma vez se achasse solta tomaria o vôo e voltaria para sua antiga morada, que, por mui longa que fosse a distancia, acharia facilmente o caminho. Ora bem! ponhamos-lhe ao pescoço um escriptinho; estou certa que ella o levará a Falkenburgo!„

„Oh meu Deus! exclamou a mãe, graças vos dou, Senhor, de terdes ouvido nossas supplicas. Emma, foi o teu anjo da guarda que te inspirou essa ideia, vai pôl-a em execução quanto antes, minha filha.„

Emma correu immediatamente á gaiola buscar a rola, em quanto sua mãe escrevia á pressa no seu quarto algumas linhas n'um bocado de pergaminho; enrolou-o muito bem, e atou-o com toda a segurança ao collar encarnado com que sua filha tinha enfeitado o pescoço de sua rola. Isto feito, Emma, acompanhada de sua mãe, do velho escudeiro de seu pae, e de todos os criados e criadas da casa, levou a rola na mão até fóra da entrada do castello, e alli a deixou voar á sua vontade. Tomou a ave de repente o vôo, elevou-se aos ares, e depois de pairar alguns instantes á direita e á esquerda, partiu como uma setta na direcção de Falkenburgo. Todos os solarengos de Hohenburgo se regozijaram, e applaudiram a quem mais podia a feliz lembrança da menina; todos acompanharam a fugitiva rola de mil votos de feliz viagem, e de mil supplicas nascidas do coração. Não houve nunca navio carregado d'ouro que soltasse as vélas ao vento no meio de mais ardentes votos pelo bom exito de sua viagem.

Isto não obstante, Rosalina e Emma não estavam ainda livres de seus pungentes cuidados.

"Chegará com effeito a rola ao lugar que ella busca?„ dizia a mãe.

„E se ella caisse nas garras d'uma ave de rapina...„

„E se em Falkenburgo não dessem fé d'ella; ou que a não deixassem entrar...„

„Que medonha desgraça se seguiria.„

Assentáram-se ambas, a mãe e a filha,

n'uma janella que dava para as partes de Falkenburgo, e não cessavam de considerar o campo, com os olhos solicitos, juntando sempre continuas orações do coração. Chegou entretanto o crepusculo, e com elle subiram de ponto suas affliçoes. Podéram apenas dizer uma para a outra que, se no horisonte se mostrasse algum signal vermelho, este lhe annnnciaria que a rola e o escripto não tinham chegado ao seu destino. Não se atrevêram pois a sair da janella, tão desveladas que nunca suas palpebras se fecharam.

Já passava de meia noite, quando um horrivel furacão começou a sentir-se na matta; mas para o lado de Falkenburgo reinava a mais profunda escuridão. De repente vêem ellas, com estremecimento seu, que o horizonte se cobre de luz para aquelle lado. Todas em tremuras põem-se a rezar:

„ Oh! meu Deus, exclamou Emma, lá está a chamma que sóbe, augmenta! Vê, minha mãe, como o furacão a inclina para um lado! „

E ficaram ambas quasi sem sentidos. Enganavam-se felizmente, como logo conheceram com grande alegria sua. A claridade, que tinham visto no horisonte, não procedia de fogo; era a lua que estava em quarto minguante, e assomando ao horisonte dardejava seus afogueados raios por entre os vapores da atmosphera: e não tardou muito que seu arco, á feição de fouce, se não elevasse sobre os remotos outeiros. Continuaram, isto não obstante, a mãe e a filha a estar á janella, e com grande consolação sua, não divisaram durante o resto da noite nada que se parecesse com esse sinistro reflexo avermelhado, que diffundindo-se na escura abobada celeste, indica um incendio ao longe. Rompeu emfim o dia, e foi com um coração menos afflicto, e dando graças ao ceu, que Rosalina e sua filha, depois de terem passado umn noite inteira entre angustias e afflições, saudaram a aurora que parecia mos-

V

ESTÃO SALVOS!

Rosalina e sua filha estavam bem certas que os malvados não tinham executado uma parte de seu plano, que consistia em reduzir a cinzas o castello de Falkenburgo; mas tinham com tudo grandes receios que não o tivessem levado a effeito no que respeitava á vida do nobre cavalheiro, e dos caros objectos de sua affeição.

“ Oh! quanto não daria eu, repetia ella a miudo, a quem viesse de Falkenburgo dizerme alguma cousa! Todos os meus enfeites, todas as minhas joias não seriam bastantes para lhe pagar. „

“ E eu, dizia Emma, eu daria tambem de boa mente todas as minhas economias. „

Entretanto era para ellas um cruel segredo tudo o que se tinha passado n'aquella noite no castello de Falkenburgo, e não lhes restava outra cousa senão ter paciencia e esperar até que chegassem as primeiras noticias.

Nós porém vejamos o que alli se passou.

O cavalheiro Thibaldo, sua mulhe Ottilia e sua filha Ignez tinham-se posto á mesa na vespera á tarde mui contentes sem a menor suspeita.

Declinava o sol para o seu occaso, e seus raios afogueados, penetrando atravez dos vidros verdes da janella, diffundiam uma brilhante claridade na antiga casa de jantar. N'este comenos chegou um homem d'armas, e annunciou que estavam alli dous romeiros que pediam agasalho. Mandou-os o cavalheiro entrar e tratar bem.

“ Quando me levantar da mesa, disse elle, quero fallar com elles. Hei de mandal-os entrar para aqui, e elles nos contarão as aventuras de sua romaria. Entretanto, dêem-lhes de comer e um pichel de vinho, para terem melhor loquella. „

Foi-se o homem d'armas a dar execução ás ordens de seu amo, e Ignez já se regosijava pensando nas bellas historias que ia ouvir. Ah! todos estavam a cem leguas de pensar no tremendo perigo que os ameaçava.

Emquanto se abandonavam assim á alegria e á confiança, assentados á mesa conversando mui socegados, de repente exclamou Ignez com admiração:

“ Olhem a minha rola! „

Com effeito era a rola, que estava fóra da janella, com as azas abertas, e batia na vidraça com o bico, como pedindo que a deixassem entrar. Correu Ignez a abrir a vidraça, e a ave vôou immediatamente acima do hombro, fazendo-lhe mil caricias.

“ Mas olhem que linda colleira côr de rosa que lhe pozeram ao pescoço, disse a mãe; e, Deus me perdoe, um papel enrolado está preso á colleira. E' uma carta, não ha duvida nenhuma! Que singulares lembranças vem á ideia de crianças. „

Olhou o cavalheiro mais de perto para o papel, e leu estas palavras á maneira de subscripto:

Para ler sem perder um minuto

“ Oh! oh! disse elle sorrindo-se, forte pressa! „

Desenrolou o papel, e assim que o passou pelos olhos mudou de côr.

“ Deus do ceu! disse. — Que é isto? „

“ Que temos? „ disseram a mãe e a filha perdendo a côr.

O cavalheiro leu então em voz alta:

“Illmo. Snr.

“ Os dous romeiros que hão de chegar esta tarde a casa de V. S.^{a} são dous salteadores da grande quadrilha que V. S.^{a} destruiu. O

mais velho d'elles chama-se Lupo, e o mais moço Orso. Por baixo do fato de romeiros trazem couraças e punhaes afiados. O plano d'elles é matar esta noite a V. S.ª e a sua familia, roubar o castello, e depois deitar-lhe o fogo. Os vestidos de V. S.ª, sua cadeia d'ouro, sua cruz de brilhantes devem servir-lhes d'enfeite, para com elles fazerem novos embustes. Outros sete malfeitores, espalhados na visinhança, só esperam o signal ajustado, que são tres luzes á janella do quarto onde costumam ficar os forasteiros, para vir juntar-se a elles; devem chegar-se ao pé do muro do castello muito á calada, e entrar pela portinha do jardim, que os dous malfeitores lhes hão de abrir por dentro.

"Deus permitta que a rola chegue a porto de salvamento, e que todos sejam salvos! Não era possivel dar aviso por outro portador.

"Logo que o perigo for passado, queira V. S.ª mandar-me um proprio para me livrar do cuidado em que fico.

De v. s.ª,
Mui reconhecida criada
ROSALINA.»

"O' meus Deus! exclamou Ottilia com sobresalto, quão admiraveis são vossos caminhos! Esta rola é para nós a mensageira do ceu, como outr'ora o foi a pomba de Noé, que r ouxe á arca o ramo de oliveira! Ignez, ponhamo-nos de joelhos para dar graças a Deus, á similhança dos santos varões que estavam dentro da arca. O meio de que elle hoje se serviu não é menos admiravel.„

Poz-se o cavalheiro de joelhos e com as mãos postas, e os olhos alçados ao ceu. disse em voz alta:

"Sim, meu Deus, eu vos dou as devidas graças!„

Disse então a sua mulher e a sua filha que entrassem para outro quarto; vestiu a toda pressa suas armas, pôz á cinta a espada de cavalheiro, e deu ordem a dous de seus mais valentes homens d'armas que estivessem promptos ao primeiro signal.

Isto feito, mandou chamar os romeiros. Entraram estes no quarto com um ar o mais humilde, e desfazendo-se em reverencias. Foi Lupo quem fallou; o qual, com nm ar mui manso e engraçado, e com maneiras d'homem bem criado, disse:

„Mui alto e poderoso senhor cavalheiro, chegados somos em linha recta de Hohenburgo, e trazemos para vós mil e mil cordiaes saudações d'aquellas senhoras. Oh! que felizes somos de contemplar face a face o grande varão cuja heroica fama enche o universo, a quem veneram todos os opprimidos, em quem a virtuosa Rosalina vê um glorioso defensor que nunca poderia assaz estimar, nunca louvar como elle merece. Ah! que santa e admiravel é aquella senhora de Hohenburgo! Cumulou-nos, a nós que não somos ninguem, de maiores obsequios que podiamos merecer. E sua linda filha Emma, que amavel, que rica menina! Aquelle anginho desfazia-se em lagrimas ao ouvir o que lhe contavamos de nossa romaria. Não acabariamos em muitas horas se quizessemos narrar tudo que respeita áquella illustre familia. Por agora, começaremos por vos dizer da parte d'aquellas senhoras, que a mãi, a filha, e sobre tudo a linda e celeste rola, n'uma palavra, todas tres estão de perfeita saude.„

Estas lisonjas exageradas, que mesmo de qualquer outra pessoa teriam desagradado sobremaneira ao cavalheiro, acabaram de irritar a colera do valoroso Thibaldo. Teve comtudo mão em si, e começou a fazer-lhes perguntas, com tom grave é verdade, mas sereno.

„Quem sois vós?„

„Pobres romeiros, responderam elles. Chegamos da Terra Santa, e voltamos a nossos lares, na Thuringa: lá é onde viemos ao mundo.„

„Como vos chamais?„ disse elle.

„Eu chamo-me Hermano, respondeu Lupo; e este, que é meu primo, chama-se Burcardo.„

Perguntou-lhe em terceiro lugar o cavalheiro.

„Que vindes aqui buscar a este castello?„

E o mais velho dos ladrões, inclinando-se quasi até ao chão, respondeu:

„Um agasalho, nada mais que um agasalho por esta noite. A'manhã ao cantar dos gallos seguiremos nosso caminho. Oh! como serão contentes nossos parentes e amigos quando nos virem!„

„Mentis, embusteiros, lhes tornou o cavalheiro com uma voz de trovão, e desembainhando a espada. Vós não vos chamais Hermano e Burcardo. Tu, velho matreiro, tu chamas-te Lupo, e tu moço malvado, chamas-te Orso. Não vindes da Terra Santa, nem sois romeiros, sois ladrões, matadores, incendiarios, Thuringa não é vossa residencia nem sois allemães. Não é para buscar pousada qui vindes aqui, é para matar e roubar, e para destruir e reduzir a cinzas. Recebereis a paga de vossos crimes. O ferro e o fogo se reuniram para vosso supplicio. Ah! ah! na verdade, não podieis passar sem os meus vestidos de cavalheiro! Um tomaria a cadeia d'ouro, outro a cruz! Olá! a elles, meus homens d'armas, arrancai-lhes esse bordão impostor, e que se veja qual é seu verdadeiro traje. Desarmai-os, carregai-os de ferros, e mettei-os na enxovia da torre.„

Sem mais demora deitaram-lhes as mãos os homens d'armas, despojaram-nos do fato de romeiros, e então se viu que estavam armados desde os pés até á cabeça.

„Oh nefanda hypocrisia! disse o cavalhei-

ro; usar d'este modo d'um falso exterior de religião para enganar as almas pias! Esta impostura só por si merecia já a morte „

Foram ambos amarrados de modo que não podessêm mexer-se e mettidos na enxovia da torre.

Quando se acharam jazendo sobre a terra humida, disse o mais novo ao outro:

„Estou pasmado! Como é que o cavalheiro pôde saber tudo tin-tim por tin-tim? Contou-nos palavra por palavra tudo que dissemos pelo caminho: que queriamos para nós seus vestidos, para depois nos inculcarmos por cavalheiros. Dar-se-ha caso que o brégeiro do rapaz entendesse a nossa lingua e nos trahisse? „

"Mas n'esse caso seria necessario que elle voasse aos quartos do castello! respondeu o mais velho. Estive sempre com o olho á mira, nunca perdi de vista a porta do pateo, e ninguem entrou depois que aqui chegamos. Isto que se passa não é natural. O cavalheiro tem pacto com o diabo. „

E dizendo isto entrou aquelle malvado n'um tal excesso de raiva, que vomitou contra o cavalheiro as mais horrorosas maldições.

„Este excommungado Thibaldo, dizia elle deitando espuma pela bocca, este amaldiçoado Thibaldo é o unico auctor de todas as minhas desgraças. „

Lupo estava tão cego que não queria entender que eram seus crimes que o tinham precipitado n'aquelle abysmo de males.

Orso porém não estava tão obsecado: corriam-lhe as lagrimas dos olhos, dizia mal á sua vida, e punha todas as culpas a seu camarada.

"Oh! prouvera a Deus que eu nunca tivesse dado ouvidos a tuas enganadoras promessas! dizia elle. Promettias-mc uma vida regalada no meio de honras e prosperidades; e agora vejo-me ameaçado d'uma morte ignominiosa! Querias continuamente tirar-me da idéa que eram crimes nossas acções, e que Deus descarrega o braço de sua justiça no outro mundo, e algumas vezes tambem n'este, sobre a cabeça do criminoso; mas a voz da consciencia, que nunca emmudeceu em meu coração, me fallava d'outro modo, e não cessava de me annunciar um proximo castigo. Ah! e porque não dei eu ouvidos a esta voz interna? De que me servem agora os thesouros que tenho juntado? Oh! prouvera a Deus que tivesse ganhado honradamente o pão com o suor de meu rosto, ainda que fosse nos mais pesados trabalhos, a rachar lenha, a levar pesos, a puchar por um carrinho, mas que tivesse estado sempre em paz com a minha consciencia! Oh! quanto mais feliz seria meu destino comparativamente ao que hoje me espera! Mas a pesada mão do supremo juiz, que vê o crime e o pune inexoravelmente, me empunhou pela garganta e me precipitou n'este medonho calabouço. Feito é de mim n'este mundo. Deus se compadeça ao menos de minha alma no outro! e possa meu desgraçado fim servir d'exemplo e de lição a tantos outros mancebos que se acharem no mesmo caso que eu, para impedir que o desejo das riquezas e dos prazeres os não arraste ao peccado e ao vicio, e os não precipite no abysmo de miseria em que eu me vejo mergulhado! „

N'este meio tempo procediam os homens d'armas a novas disposições segundo as ordens do intrepido cavalheiro. Logo que se fechou a noite, e que se viram as estrellas no ceu, poseram na janella do quarto que servia ordinariamente para os romeiros e outros forasteiros, as tres luzes que os ladrões tinham estabelecido como signal. O guarda-portão, em cuja circumspecção tinha o cavalheiro grande confiança desceu para o pateo com os sete homens d'armas, e poz-se de sentinella á portinha do jardim para observar os ladrões. Esperou tempo infinito de balde. Deu meia noite, e nada. Vinha nascendo a lua, e já sua luz se manifestava nas ameias da velha torre do castello. Os homens d'armas estavam zangados d'esperar, e diziam uns para os outros:

"E' baldado tudo o que fazemos. Apenas os ladrões virem um de nós em logar dos dous romeiros disfarçados, metterão pernas, e escaparão facilmente a favor da escuridão da noite.»

"Lembra-me um meio excellente, disse o guarda-portão, para os fazer entrar aqui sem perigo.„

Ausentou-se, sem dizer para que, e appareceu d'ali a nada vestido com os trajes de romeiro: opa longa, bordão na mão, e chapeu guarnecido de conchas na cabeça.

"D'este modo, disse elle, não me conhecerão os taes amigos. Ficai vós aqui escondidos atraz dos pilares das muralhas, de sorte que elles vos não lobriguem.„

Tiveram os homens d'armas paciencia e continuaram a esperar.

Emfim bateram á porta muito de mansinho; abriu o guarda-portão tambem muito de mansinho; assomou á porta um salteador, e como pelo traje julgasse ser um de seus camaradas, disse-lhe devagarinho:

"Vimos a boa hora? „

"Muito boa, lhe tornou o guarda-portão com voz sumida, sómente é mister não fazer bulha, entrai todos muito de manso para o pateo. „

Foram pois entrando os sete ladrões um após outro, andando nos bicos dos pés. Traziam elles enxofre, brandões, e espada á cinta. Apenas entrou o derradeiro, fechou o guarda-portão a porta, metteu a chave na

algibeira, e gritou com voz resoluta: "E' chegada a occasião!„

A esta palavra arremeteram os homens d'armas todos á uma, deram sobre os salteadores, e cada um filou o seu. Abriu-se a este mesmo tempo outra porta, e appareceu no meio do pateo o cavalheiro armado de ponta em branco, e rodeado de muitos criados e homens d'armas, trazendo nas mãos, uns archotes accesos, e outros espadas nuas. Posto que a noite era uma d'aquellas em que a lua dissipa medianamente a escuridão, dir-se-hia que era o mais claro dia. Os ladrões estavam mais mortos que vivos; nem se atreveram a puchar pela espada. Sem custo foram manietados, carregados de ferros, e mettidos nas masmorras do castello, d'onde não sahiram senão para darem as penas de seus maleficios.

"Tal é o fim, disse a senhora do cavalheiro, do que obra mal. Quem abre a cova para fazer caír seu proximo, n'ella cai e perece.„

VI

O RAMO DOLIVEIRA

Tornemos a Hohenburgo.

Dona Rosalina e sua filha esperavam com impaciencia, e não sem inquietação e susto, um mensageiro de Falkenburgo. Emma subia talvez dez vezes por hora a escada de caracol que conduzia á guarita da torre, para vêr com seus proprios olhos se vinha alguem e já estava cansada d'estender a vista ao longe. Deu meio-dia, e nem novas nem mandado. Pungentes anciedades começavam de novo a despedaçar o coração da mãe e da filha; pareciam-lhes as horas uns annos, e temiam não chegar a ver-lhe o fim. Declinava já o dia, quando Emma, subindo á guarita da torre para vêr se com effeito vinha alguem, avistou um churrião cercado de muitos cavalleiros, que atravessava a deveza por uma vereda e se encaminhava para o castello. Desceu rapidamente da torre toda transportada de jubilo, e gritando a sua mãe:

"Elles ahi veem em pessoa! São elles mesmos, não ha duvida.„ Saíram ambas, desceram a encosta em que estava situado o castello, e foram esperar no sopé do monte os hospedes que chegavam.

Desde o romper do dia, o cavalheiro Thibaldo se tinha posto a caminho com sua mulher e filha para virem trazer elles mesmos a feliz nova de sua salvação a suas amigas, e lhes darem os devidos agradecimentos. Thibaldo saltou do cavailo apenas avistou Rosalina e sua filha Emma; Ottilia e Ignez apeáram-se lago do churrião; abraçaram-se todos cordealmenta, e mil acções de graças foram dadas ás senhoras de Hohenburgo pela engenhosa lembrança de lhes transmittirem o aviso que lhes salvára as vidas.

Impossivel seria querer descrever os transportes de gozo, d'alegria, de ternura a que se abandonaram aquellas duas exemplares familias. Todos estavam absortos na maravilha do successo. Faziam-se perguntas, contavam o caso, explicavam os incidentes, e n'este animado colloquio foram subindo a encosta, até que insensivelmente se acharam no castello.

Este serão em que se tornavam a ver duas tão amoraveis familias, depois de haver escapado uma d'ellas ao mais terrivel perigo, foi celebrado com um grande festim. Era extrema a alegria nos convidados, e durante todo o banquete não se fallou n'outra cousa senão no maravilhoso successo da vespera. Leonardo servia á mesa; para satisfazer os hospedes foi-lhe necessario contar palavra por palavra tudo o que os dois faccinorosos tinham dito entre si. Fazia-o elle com grande gosto, especialmente quando veiu a fallar miudamente do modo como o mais moço, ao chegar á borda do pricipicio, havia intercedido por elle, e se opposéra a que Lupo atirasse com elle da ponte abaixo.

„Em reconhecimento d'esta boa obra, disse Leonardo, devo agora interceder por aquelle desgraçado. Visto que elle mostrou sentimentos mais humanos, ao menos é justo que a pena seja tambem suave.„

Disseram todos em voz alta que o rapaz tinha razão.

Quando o jantar esteve quasi no fim pegou o cavalheiro Thibaldo n'uma taça de prata e disse:

"A' saude da menina Emma! pela feliz lembrança que teve de transformar uma rola em portadora de cartas. A esta lembrança é que devemos a conservação de Falkenburgo, e a ventura de não estarmos a esta hora sepultados debaixo das ruinas de nossa fortaleza abrazada. Viva a menina Emma!„

"Oh! não, respondeu Emma fazendo-se vermelha. A verdadeira causa d'este venturoso successo foi a cordial amizade, a delicada bondade com que Ignez se privou de sua rola, que ella amava tanto, para m'a dar. A minha querida Ignez seja dada toda a honra d'este dia!„

"A Deus graças, disse Rosalina, que vossas mães não tem motivo por estarem descontentes de vós, minhas filhas! mas não vos ensoberbeçaes por isso. Vedes vós este pobre orphão, Leonardo, que, levado d'um sentimento de ternura e de reconhecimento aos beneficios que lhe temos feito, andou tantas legoas a pé e sempre a correr, a ponto de perder a respiração, e quâsi de arrebentar? Elle fez mais que vós sem comparação.„

"E' bem verdade! disse o cavalheiro Thibaldo. Tendes razão!»

Encheu de vinho a taça, bebeu um pouco

para começar, e deu o resto a Leonardo, dizendo-lhe:

«Toma, amigo, bebe um trago á nossa saude. Quero que sejas um dia um dos meus pagens, e um dos mais nobres: porque lealdade dá nobrêza, e teu procedimento dá-te certamente direito a esta honra.„

"Mas, disse Ottilia, e o bom, o benefico Adalrico, esse virtuoso marido tão chorado por Rosalina, não terá elle tambem direito a uma lagrima de reconhecimento? Se, por um excesso de compaixão elle não tivesse trazido para casa este bom moço, aonde estariamos nós agora?„

" E' bem verdade, disse Rosalina. O beneficio que este pobre orfão recebeu de meu caro Adalrico, cem vezes o tem elle pago sendo o auctor de vossa salvação e do feliz successo, que não nos causaria maior alegria se sómente interessasse nossas proprias pessoas. Mas mostrou por ventura o cavalheiro Thibaldo menos nobreza para commigo, e para com minha filha que era tambem uma orfã desvalida? O bom agrado com que elle acolheu nossas supplicas, e a promptidão com que se poz em campo para nos defender de nossos inimigos, eram virtudes de tão elevado quilate que não podiam ficar sem galardão. Foi elle quem nos salvou; e é Deus quem o salvou a elle. Foi esse mesmo Deus, que é o remunerador de todas as boas obras, quem quiz galardoar a generosa Ottilia, e a carinhosa Ignez do quanto por nós se desvelaram. A Deus sobre tudo sejam dados os louvores, a Deus as acções de graças! „

" Sim, disse o cavalheiro concluindo. Sim, a Deus é que se devem dirigir, assim n'esta como em outra qualquer occasião, as primeiras acções de graças. Lançou sobre nós seus olhos compassivos, e para obrar em nosso favor grandes cousas, bastou-lhe uma innocente rola! A elle para todo sempre as acções de graças! Mas não sejamos por isso menos gratos a tão nobres corações. O que minha espada não poderia fazer por si só (defender minha fortaleza contra a surpresa e a fraude conspiradas para sua ruina) conseguiu-o a engenhosa Emma sem outro auxilio, que digo? até as crianças podem muitas vezes fazer infinito bem, uma vez que seus corações sejam votados a bem fazer, corações confiados inteiramente no Senhor, como Emma e Rosalina. E' por isso que esta querida Emma, que será um dia a senhora d'este castello, soube conservar ao Santo Imperio desde sua meninice, sem ferro nem fogo, uma fortaleza de sua fronteira, farei por lhe alcançar de Sua Magestade Imperial um alvará que a autorize a pôr nas suas armas uma rola branca com um ramo d'oliveira no bico. „

„ Optima lembrança tiveste, disse Dona Ottilia a seu marido; é necessario que ella se realize. Mas entretanto quero offerecer a minha querida Emma um presentinho de que ella ha de gostar muito. „

Fez signal a sua filha; Ignez saiu, e d'ahi a nada entrou a rola no quarto. Tinha-a trazido Ignez n'um cestinho, mas ainda não tinha dito nada á sua amiga. Voou immediatamente a avezinha para o pé d'Emma, e veiu pousar-lhe na mão que ella lhe estendeu. Trazia ella no bico um ramo d'oliveira guarnecido d'uma folhinha, tudo de ouro. Disse-lhe então Ottilia:

"Este ramo d'oliveira d'ouro, este doce emblema de salvação, ao sair d'um grande perigo, seja para vós, amavel Emma, um pequeno penhor de nosso reconhecimento. Minha mãi, que Deus haja, m'o deu no dia do meu casamento, tempo em que acabava uma terrivel guerra civil, época de calamidades e de oppressão; até agora o tenho sempre trazido como alfinete no cabello, que não tem elle outro prestimo. Minha mãi que era mui devota, quando m'o deu me recitou estes oito versos, cuja historia vemos hoje completamente realisada. Eil-os aqui:

Tem em Deus grande confiança!
 Que tudo alcança.
Quem co'alma devota e pura
 A elle procura.
Assim fazia o Patriarcha
 Quem fez a arca.
Quando o mal te perseguir,
 Deus t'ha de acudir.

FIM